

## COMPLEMENTAÇÃO VERBAL: O CASO DO VERBO *ENTREGAR* EM PERSPECTIVA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

\*\*\*

## VERBAL COMPLEMENTATION: THE CASE OF THE VERB *ENTREGAR* IN A USAGE-BASED FUNCTIONAL PERSPECTIVE

Nedja Lima de Lucena<sup>1</sup>  
Rayane Pontes Barbalho<sup>2</sup>

**Data de recebimento do texto:** 26/07/2024

**Data de aceite:** 23/08/2024

**Resumo:** Este trabalho examina a manifestação discursiva do complemento objeto direto nas orações com o verbo *entregar*. Para isso, ancora-se teórica e metodologicamente nos princípios e pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, e assume aspectos quali-quantitativos na análise. Os dados empíricos advêm da rede social *X* e são averiguados, considerando os padrões sintáticos oracionais em que ocorrem, a manifestação escalar do complemento objeto direto e os sentidos veiculados pelas orações. Os resultados apontam que o verbo *entregar* é recrutado prototipicamente na construção ditransitiva, embora também ocorra em outros tipos de configuração argumental. O objeto direto tende a ser expresso em orações cujo sentido se conforma ao da construção ditransitiva, todavia a frequência de elisão do complemento chama a atenção para os sentidos diversos que as orações com o verbo *entregar* veiculam, uma consequência de projeções conceptuais a partir da metáfora e da metonímia, evidenciando polissemia.

**Palavras-Chave:** Linguística Funcional Centrada no Uso. Construção de estrutura argumental. Verbo *entregar*. Objeto direto. Polissemia.

**Abstract:** This paper examines the discursive manifestation of the complement direct object in clauses with the verb *entregar*. To this end, it is theoretically and methodologically anchored in the principles and assumptions of Usage-Based Linguistics and assumes qualitative and quantitative aspects in the analysis. The empirical data come from social network *X* and are investigated, considering the syntactic patterns in which they occur, the scalar manifestation of the complement direct object and the meanings conveyed by the clauses. The results indicate that the verb *entregar* is prototypically recruited in the ditransitive construction, although it also occurs in other types of argumental configuration. The direct object tends to be expressed in clauses whose meaning conforms to that of the ditransitive construction, however the frequency of complement elision draws attention to the diverse meanings that the clauses with the verb *entregar* convey, a consequence of conceptual projections based on metaphor and metonymy, evidencing polysemy.

**Keywords:** Usage-Based Functional Linguistics. Argument structure construction. Verb *entregar*. Direct object. Polysemy.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente permanente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: nedja.lucena@ufrn.br

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: rayane.pontes.123@ufrn.edu.br

## Introdução

A complementação verbal diz respeito à relação entre um verbo e os complementos recrutados por ele numa oração. Essa complementação é objeto de interesse e de pesquisa explorado em muitas direções teóricas, sendo alvo desde investigação de estudos tradicionais dentro da gramática normativa, sob o rótulo de regência e transitividade verbal, às investigações linguísticas de diversas teorias da linguagem, mais comumente no escopo de estudos sobre a estrutura argumental<sup>i</sup>.

A respeito dessa relação, as teorias linguísticas que se baseiam no uso compreendem, sobretudo, que a ligação entre o verbo e os argumentos abarca fatores contextuais, cognitivos e pragmático-discursivos que extrapolam o verbo em si, englobando toda a estrutura na qual ele participa, isto é, a oração (FURTADO DA CUNHA, 2009). Além disso, assentado numa perspectiva construcionista (GOLDBERG, 1995), o exame dessa relação amplia-se e se atrela à noção de construções de estrutura argumental<sup>ii</sup>, contemplando a ideia de que esse fenômeno abriga a interpretação geral de um evento ou cena e uma moldura morfossintática; codifica cenas básicas da nossa experiência; e pode ser estendido e adaptado para contemplar tipos distintos de situação (GOLDBERG, 2006; FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2024).

Nessa linha, este trabalho investiga orações com o verbo *entregar*, focalizando, especificamente, a expressão/ausência do complemento objeto direto. O objetivo do estudo é examinar dados em que o verbo *entregar*, considerado tradicionalmente um verbo com estrutura argumental ditransitiva, isto é, que recruta dois argumentos (um objeto direto e um objeto indireto), manifesta-se em contextos de uso sem complemento lexicalmente expreso, como nas ocorrências<sup>iii</sup> a seguir:

(1) Meu Deus, ela **entregou** tanto aqui 🎵 hino que poderia reviver na tour (Rede X, 2023).

(2) As Veneno **entregaram** tanto, meu Deus. (Rede X, 2023).

Nas orações (1-2), podemos notar o uso do verbo *entregar* sem a manifestação dos complementos objeto direto (OD) e objeto indireto (OI). Nos dois casos, o enunciador avalia positivamente a performance/atuação de *ela*, referindo-se à cantora Anitta, em (1), e

de *As Veneno*, em (2). Contudo, nesse tipo de contexto de uso, inexistente uma entidade específica que corresponda à coisa entregue (OD), o que torna essa interpretação aberta para o interlocutor. Ao mesmo tempo, a entidade que seria recipiente dessa entrega e ocuparia a posição de OI também não é especificada. Em casos como (1-2), a oração enquadra o verbo *entregar*, muitas vezes, acompanhado de um intensificador, como *tanto*, nos referidos casos.

Diante disso, motivadas pela atualidade e aumento do uso de orações do tipo das apontadas em (1) e (2), examinamos, a partir de dados empíricos do português, como a elisão do argumento objeto direto estaria ligada a fenômenos contextuais da interação, a projeções e extensões metafóricas e metonímicas de sentido do verbo/da oração ou mesmo ao padrão construcional oracional em que ocorre<sup>iv</sup>. Levantamos a hipótese de que a partir de relações de significação metafóricas e metonímicas decorrentes do uso pelos falantes, o verbo em questão passa a veicular valores semânticos distintos e, conseqüentemente, também é recrutado em variados tipos de construção de estrutura argumental (GOLDBERG, 1995).

Em termos metodológicos, esta investigação, de natureza mista, conhecida como qualiquantitativa (LACERDA, 2016; PAIVA, 2019), congrega descrição, classificação e interpretação de informações de caráter empírico à análise de estatísticas e dados numéricos para dar suporte à descrição empreendida.

Esclarecemos que, em estudos sobre construções de estrutura argumental, podem ser adotados e conjugados os caminhos metodológicos *top-down* e/ou *bottom-up*. Isso quer dizer que a observação se dá tanto da construção instanciada para o verbo quanto do verbo para a construção, ou seja, as instanciações são examinadas tanto em termos de esquemas maiores quanto em termos dos elementos que as compõem. O fato de o interesse aqui recair em padrões com a expressão do verbo *entregar* e sua conexão com os complementos, consideramos que este trabalho se filia metodologicamente a uma perspectiva *bottom-up*, isto é, do verbo para a construção, conforme Perek (2015).

Focalizando um recorte sincrônico, os dados empíricos que constituem o *corpus* da pesquisa são compostos por amostras escritas retiradas da Plataforma X – antigo Twitter. O conjunto analisado consiste em 9.200 palavras e 52.422 caracteres, incluindo neste último número elementos como emojis, *hashtags*, asteriscos e outros componentes presentes nos textos inseridos em espaços virtuais. A coleta de dados compreende material textual do período de 2017 a 2023, a qual reúne 60 amostras por ano, totalizando 420 *tweets*<sup>v</sup>.

Para o estudo aqui empreendido, adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, conforme Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Rosário (2022), os quais serão discutidos a seguir. Na sequência, tecemos considerações teóricas sobre o complemento objeto direto. Posteriormente, apresentamos os resultados da decodificação dos dados empíricos, focalizando as informações quantitativas e, como seguimento, discutindo-as à luz do quadro teórico assumido, a fim de testar a hipótese inicial e os desdobramentos analíticos. Por fim, apresentamos as considerações finais, sumarizando a discussão.

## **1. Horizonte teórico-metodológico**

A base teórica para este estudo é a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)<sup>vi</sup>, que se caracteriza como uma recente tendência de estudos funcionalistas que abriga a interface entre os postulados da Linguística Funcional norte-americana e da Linguística Cognitiva, se aproximando em termos teóricos, metodológicos e epistemológicos ao que Bybee (2016) denomina *Usage-Based Linguistics* ou *Usage-based Models* (HOFFMANN; TROUSDALE, 2013).

Essa tendência acolhe a noção de língua como um sistema dinâmico, adaptativo, no qual as formas linguísticas assumem funções a partir das necessidades sociocomunicativas e cognitivas dos falantes. Nessa linha, a língua comporta recursos expressivos emergentes e outros já fixados, a partir da repetição e da ritualização. Em outras palavras, é no cotidiano social, a partir das práticas discursivas dos falantes, que a regularidade e a instabilidade da língua são motivadas e modeladas (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007).

Na LFCU, as investigações estão – e devem ser – ancoradas nos usos linguísticos que os usuários realizam, os quais são compreendidos, segundo Rosário e Oliveira (2016, p. 236), “como produto da experiência, da rotinização e perspectivação na e pela linguagem, entre outras motivações”. Desse modo, a abordagem preocupa-se com o exame de aspectos formais e estruturais da língua, mas também atenta para propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas que se manifestam no uso.

Subjacentes às pesquisas alicerçadas na LFCU, como a que desenvolvemos neste artigo, há alguns pressupostos básicos que nos cabem destacar: (i) a compreensão de que as habilidades linguísticas podem ser tomadas e apreendidas da mesma maneira que outras

capacidades cognitivas; (ii) o entendimento de que a língua(gem) integra um multifacetado e amplo conjunto de atividades cognitivas e sociocomunicativas vinculadas a outras atividades humanas; (iii) a refutação à ideia de sintaxe autônoma e central; (iv) o acolhimento de fatores semântico-cognitivos e/ou discursivo-pragmáticos nas investigações linguísticas; (v) a compreensão de um *continuum* entre léxico e gramática, sem fronteira estrita entre eles; (vi) o discernimento de que a língua é um sistema adaptativo complexo, no qual reside uma rede de construções organizadas e interrelacionadas hierarquicamente; (vii) a adesão à noção de plasticidade/maleabilidade do sistema linguístico, que congrega gradiência e gradualidade atreladas à variação e à mudança a que as línguas naturais estão sujeitas (TOMASELLO, 1998; FURTADO DA CUNHA, BISPO E SILVA, 2013; BISPO; LOPES, 2022, ROSÁRIO, 2022).

Enquanto quadro teórico, a LFCU abriga, ainda, a noção de que a língua é um repertório de construções – pareamentos simbólicos e convencionalizados de forma e significado/função – organizadas hierarquicamente em rede. Nesse viés, todas as unidades da língua são simbólicas, variando desde morfemas simples, expressões idiomáticas, estruturas oracionais complexas (GOLDBERG, 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021) ou mesmo padrões textuais (ÖSTMAN; FRIED, 2005).

Sendo um par forma – significado/função, é necessário esclarecer que no plano da forma, estão ancoradas as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas de uma construção; enquanto no plano do significado/função, estão alicerçadas as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais (CROFT, 2001). De um modo geral, o conceito de construção abarca uma gama de unidades linguísticas, dispostas num *continuum*, de maneira que a distinção entre as construções é gradiente e não discreta.

Sobre a noção de *continuum*, a LFCU entende que as categorias linguísticas não devem ser tomadas em termos binários e discretos e, por isso, advoga uma postura que considere um tratamento gradiente das unidades linguísticas. Assim, adota o princípio de prototipicidade, considerando que as categorias do mundo bem como as linguísticas têm representantes exemplares/centrais e outros periféricos (GIVÓN, 2001; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; TAYLOR, 2003).

Nesse sentido, alguns membros do sistema linguístico-conceptual são considerados mais representativos que outros. Além disso, esses membros prototípicos são mais facilmente reconhecidos e lembrados pelos falantes, servindo como referência para outros da mesma categoria. O impacto da frequência é crucial para isso, uma vez que, segundo

Bybee (2016), quanto mais frequentemente uma construção linguística é usada, mais ela se fortalece cognitivamente e se torna prototípica. Assim, a frequência afeta a acessibilidade de uma estrutura na memória dos falantes, moldando e influenciando as mudanças e variações na estrutura das línguas.

O escopo teórico aqui seguido também postula processos conceituais de metáfora e de metonímia. Segundo Lakoff e Johnson (1980), a metáfora e a metonímia são mecanismos fundamentais na estruturação do pensamento e da linguagem. A metáfora é uma operação cognitiva que envolve mapeamento entre diferentes domínios conceituais, a partir do qual é possível compreender e experimentar um conceito em termos de outro, ou seja, há uma projeção de uma noção de um domínio da experiência para outro, como ocorre na expressão do tempo em relação ao espaço (por exemplo, *de hoje para amanhã*). A metonímia, por outro lado, envolve um mapeamento dentro de um mesmo domínio conceitual, via contiguidade (LAKOFF; TURNER, 1989). Assim, com a metonímia, focaliza-se a parte mais significativa de um processo, ação ou objeto, de maneira que a partir dele o falante possa conceptualizar o todo (como em *Vai, Vasco!* em que *Vasco* se refere aos jogadores do time do Vasco da Gama). Ambos os processos são centrais para a cognição humana, revelando como nossa percepção do mundo é moldada por associações simbólicas e contextuais.

De modo mais específico em relação ao objeto de estudo aqui investigado, destacamos o entendimento da LFCU a respeito da transitividade, considerada como uma propriedade gradiente que se relaciona ao modo como um evento é codificado oracionalmente. Diferentemente da abordagem tradicional, centrada exclusivamente no verbo, na LFCU, a transitividade está relacionada aos tipos básicos de orações (movimento, afetamento, transferência, posse e outros), chamadas de construções de estrutura argumental (doravante, CEA), as quais envolvem tanto os aspectos formais quanto os funcionais. Furtado da Cunha e Silva (2018) explicam que esses tipos construcionais têm significação própria independente das palavras que neles se inserem, ou seja, apesar do significado de cada item lexical, a construção conserva, em maior ou menor medida, o seu sentido particular e funciona como uma espécie de modelo que conjuga o que é comum a um grupo de verbos específicos. Dessa maneira, as orações de uma língua são licenciadas por CEA de diferentes tipos: transitiva, ditransitiva, medial, construção de movimento causado, entre outras (FURTADO DA CUNHA, 2013).

Na esteira da investigação sobre CEA, destacamos a construção ditransitiva, caracterizada por apontar um típico evento de transferência, tendo como padrão mais prototípico [X causar Y receber Z], em que uma entidade (X) transfere intencionalmente algo (Z) para uma segunda entidade (Y). Essa construção está relacionada tanto à natureza semântica dos papéis semânticos (*agente, paciente e recipiente*) atribuídos ao verbo, quanto pela natureza sintática triargumental que engloba as relações gramaticais dos argumentos (*sujeito, objeto direto e objeto indireto*). Furtado da Cunha e Bispo (2024, p. 26) esclarecem que “a interpretação total de uma oração depende do sentido da construção e do significado do verbo que nela figura”, desse modo, uma CEA licencia os verbos que podem ser fundidos com ela. No caso da construção ditransitiva, Furtado da Cunha (2013) afirma que são recrutados nessa construção verbos do tipo *dar*, configurando o protótipo, como é o caso do verbo *entregar*, tema deste artigo.

### 1.1 CEA e relação gramatical objeto direto

Na investigação sobre CEA, Goldberg (1995) aponta que ao se definir um protótipo, é possível que uma estrutura oracional se estenda e se adapte para codificar diversos tipos de situação. Além disso, uma CEA especifica os papéis semânticos e as relações gramaticais conjugadas a ela.

Em discussão sobre estrutura argumental no viés funcionalista, Furtado da Cunha (2006) assinala que esta delimita a natureza dos complementos verbais, sendo a estrutura argumental, sobretudo, uma estrutura de expectativas moldada pelas cenas evocadas no uso pelos falantes. Isto é, a estrutura argumental evoca um *frame*, que especifica quais argumentos são obrigatórios e quais são opcionais, esse *frame* é apreendido e dominado pelos falantes “à medida que adquirem sua língua materna” (p. 116).

Em trabalho recente, Furtado da Cunha e Bispo (2024) defendem que a construção ditransitiva se conecta a uma família de sentidos que, embora distintos, estão relacionados. Os autores também afirmam que “o sentido básico, prototípico da construção pode ser estendido, com ligeiras diferenças de conteúdo semântico e pragmático relacionadas a arranjos sintáticos que se afastam do protótipo” (p. 39). Nesse viés, uma CEA pode se manifestar em termos de construtos (ocorrências) com elementos distintos do que está previsto em sua configuração prototípica.

Com base nesse entendimento, nossa de lente de investigação se direciona para a relação gramatical objeto direto, a qual está prevista em molduras prototípicas de CEA, como a construção transitiva (ele pegou **um livro**), construção ditransitiva (ela deixou **um bilhete** para ele), construção de movimento causado (coloco **os legumes ralados** na panela), dentre outras. Em termos específicos, observamos como essa relação se dá em padrões construcionais com o verbo *entregar*.

O objeto direto é mencionado na literatura linguística como um argumento nuclear/central, isto é, indispensável à moldura semântica de um dado verbo e, conseqüentemente, essencial na estruturação oracional. Furtado da Cunha (2006) esclarece que argumentos desse tipo são altamente gramaticalizados e correspondem a um participante implicado no evento ou estado expresso pelo verbo, ou seja, sua participação é necessária para a decodificação de um dado evento. Distantes da centralidade, estão os argumentos oblíquos/periféricos que, embora relacionados ao verbo, não são indispensáveis e sua ausência não compromete a gramaticalidade do que está sendo proferido. Os argumentos oblíquos geralmente introduzem informações adicionais e codificam participantes que integram o contexto, mas não estão envolvidos diretamente no evento.

Sobre a classificação de argumento nuclear/oblíquo, o objeto direto é interpretado como um argumento nuclear em orações (di)transitivas, sendo parte, por exemplo, de uma oração com configuração S V OD ou S V OD OI. Segundo Furtado da Cunha (2015, p. 5), o objeto direto “tende a constituir o foco do enunciado e a representar o papel semântico de paciente, ou objeto afetado/efetuado”. Além do mais, ainda que seja considerado um argumento nuclear, pode ser apagado/elidido devido ao seu grau de informatividade<sup>vii</sup>. Sobre esse aspecto, Chafe (1987) menciona que o *status* informacional do argumento interfere diretamente na sua ocorrência na oração: argumentos já apresentados (velhos/dados) e disponíveis no contexto tendem a ser suprimidos ou apagados do enunciado, uma vez que estão maximizados na mente do falante, de tal modo que, mesmo omitidos, esses argumentos conseguem ser identificados pelo interlocutor.

Furtado da Cunha (2006, p. 120) esclarece que “para que uma oração seja bem formada, é exigida a presença explícita ou implicada dos argumentos que mantém uma relação gramatical ou semântica específica com o verbo da oração”, daí a manifestação do objeto direto numa oração poder ser tomada em termos de gradualidade, com casos mais

prototípicos ou mais periféricos. À luz dessa perspectiva, discutimos a manifestação desse complemento em padrões oracionais com o verbo *entregar* a seguir.

## 2 Resultados e discussão dos dados

Nesta seção, ocupamo-nos de descrever os achados da pesquisa, visando discutir os dados empíricos iluminados pelo referencial teórico. Inicialmente, tecemos considerações sobre o verbo *entregar* e os padrões oracionais em que esse verbo ocorre no *corpus*. Na sequência, verificamos como o objeto direto é expresso, considerando um tratamento escalar. Posteriormente, levantamos uma reflexão sobre projeções metafóricas e metonímicas que se relacionam em orações com o verbo *entregar* e os valores semânticos veiculados a partir dessa manifestação.

### 2.1 Notas sobre o verbo *entregar* e sua ocorrência em padrões oracionais

O verbo *entregar* tem origem no verbo latino *integrāre*, cujo sentido diz respeito a “passar às mãos ou à posse alguém” (CUNHA; MELLO SOBRINHO, 1986), o que implica uma transferência física de algo de uma entidade para outra. Esse sentido de certo modo se relaciona com uma feição ditransitiva, ocorrendo desde o latim.

Em descrição mais atual e de natureza sintático-semântica, Borba (2002) considera que o verbo *entregar* pode ser definido como um verbo do tipo ação-processo, denotando, em sentido mais prototípico, um evento de transferência em que um sujeito animado e intencional provoca uma mudança de estado/localização de um objeto rumo a um outro participante receptor.

Nesse sentido, o verbo *entregar*, conforma-se à construção ditransitiva (FURTADO DA CUNHA, 2020), que sanciona além do *slot* verbal, três slots argumentais com os argumentos desempenhando papéis semânticos de agente, paciente e recipiente, cuja codificação sintática envolve, respectivamente, um sujeito, um objeto direto e um objeto indireto (S V OD OI)<sup>viii</sup>. Desse modo, o sentido mais prototípico de orações com o verbo *entregar* está atrelado a “passar as mãos” (BORBA, 2002, P. 580), como se pode ver na amostra a seguir:

(3) Em mais uma ação da campanha #NaçãoSolidária, o Flamengo **entregou**, nesta sexta-feira, cartões vale-alimentação, unidades de álcool em gel e uma camisa do clube a jogadores do Itaboraí Profute. #CRF. (Rede X, 2017).

Como pode ser observado, a oração em (3) conforma-se à construção de estrutura argumental ditransitiva com o verbo *entregar* descrita na literatura, na qual o sujeito (X = Flamengo) direciona uma transferência de algo (Z = cartões vale-alimentação, unidades de álcool em gel e uma camisa do clube), na posição de objeto direto, para uma entidade codificada como objeto indireto (Y = jogadores do Itaboraí). Ocorre que há nos dados examinados configurações oracionais que se distanciam em certa medida da moldura sintático-semântica prototípica:

(4) N sei se fico mais triste pq amanhã tem aula ou pq vão **entregar** as provas (Rede X, 2019).

(5) Tremby **entregou** demais, só n supero que num minuto eu tava assim no fronte minha amiga pablo, no outro já tava na hora de ir embora. (Rede X, 2023).

(6) Eu **entreguei** meu coração pra alguém que não merecia ☹️. (Rede X, 2017).

A oração em (4) ilustra um caso em que há um argumento sujeito elíptico (eles = agente) e um argumento OD expresso por meio de sintagma nominal (as provas = paciente). A oração não expressa o objeto indireto, todavia este pode ser interpretado por meio do contexto tratado no *tweet*, o qual evoca uma cena que envolve uma aula e a situação de devolução do resultado das provas. Assim, o *slot* do argumento OI não é preenchido, de modo que a configuração sintática da oração se conforma ao padrão SN V OD.

A elisão ocorre também em (5), quando os argumentos OD e o OI são apagados sem possibilidade de recuperação exata do que teria sido entregue (OD) ou para quem (OI), ficando o verbo *entregar* acompanhado do intensificador *demais* numa moldura sintática S V (Intens). Parece que nesse caso, o verbo veicula na oração um valor semântico relacionado a desempenho positivo de determinada ação.

Já em (6), há um padrão à S V OD OI, no qual os argumentos sujeito, objeto direto e objeto indireto estão explicitados, respectivamente, como: *eu*, *meu coração* e *para alguém que não merecia*. Todavia, o valor semântico da entrega veiculado nesse contexto

não diz respeito a algo físico, de sentido mais referencial, e sim a uma transferência metafórica de um sentimento para alguém.

Apesar de a configuração prototípica (S V OD OI) ser mais esperada nos contextos de uso, nos achados deste estudo isso não se confirma. Os 420 dados analisados sinalizam distintas configurações sintáticas, conforme aponta a síntese da Tabela 1 a seguir:

Padrão sintático	Nº tokens	%	Exemplo de ocorrência
S V OD OI	74	17,6%	DEUS simplesmente nos ama. Confiamos e <b>entregamos</b> nosso amanhã a ti SENHOR, amém 🙏 #boanoite (Rede X, 2017).
S V OD	126	30%	Relaxar depois de <b>entregar</b> um trabalho cuia bastante (Rede X, 2019).
S V OI	26	6,2%	acabei de me entupir de antialérgico como se não houvesse amanhã e <b>entreguei</b> pra deus (Rede X, 2019)
S V OD SAdv	58	13,6%	Ela <b>entregou</b> uma morte logo no primeiro capítulo... ela veio pra causar! #TodasAsFlores (Rede X, 2022)
S V (intens.) SAdv	42	9,9%	ainda me pego pensando muito nELE,, o solo do yeonjun no concept teaser de magic. ele <b>entregou</b> TANTO AQUI (Rede X,
S V (intens.)	92	21,9%	Ontem eu <b>entreguei</b> demais (Rede X, 2023)
<b>Total</b>	420	100%	

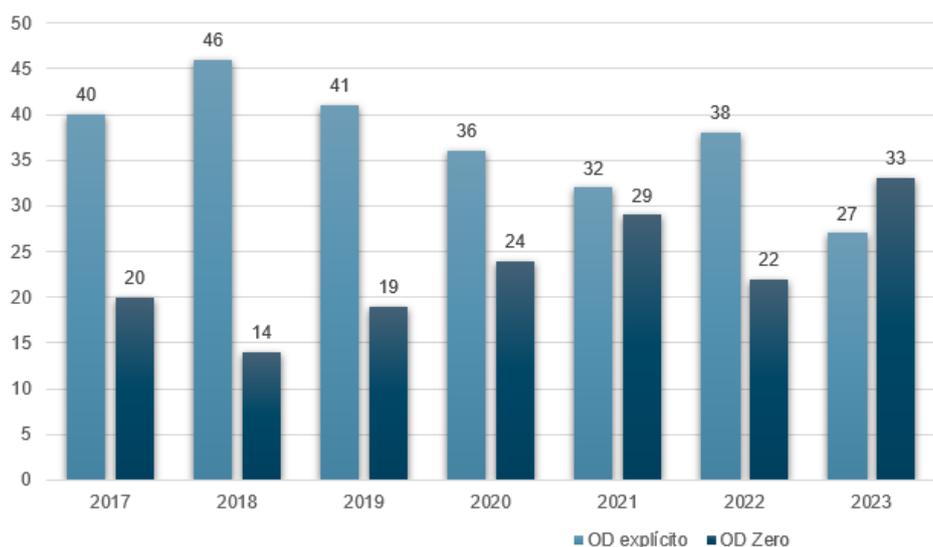
**Tabela 1:** Padrões sintáticos de ocorrência do verbo *entregar* no *corpus* analisado<sup>ix</sup>.

Fonte: elaboração própria.

O resultado disposto na Tabela aponta, no *corpus* sob consulta, uma maior frequência do padrão sintático S V OD, que corresponde a 30% das ocorrências. Na sequência, o padrão S V (intens.) representa 21,9% dos dados analisados. O padrão sintático tomado como exemplar prototípico na literatura linguística atende 17,6% das ocorrências. Seguem-se, então, os padrões com menor frequência. O resultado aponta para o fato de que o verbo *entregar* é recrutado em diferentes tipos de estrutura argumental.

A partir do levantamento sobre a codificação sintática das orações com o verbo *entregar*, é possível notar a recorrência do apagamento dos argumentos objetos direto e objeto indireto em alguns desses padrões. Especificamente sobre o OD, no universo das amostras do *corpus*, das 420 orações recolhidas, 260 ocorrências (62%) apresentavam objeto direto explícito morfologicamente, ou seja, o complemento OD é lexicalmente expresso na oração, enquanto em 160, cerca de 38%, o OD não é manifestado textualmente, apresentando a forma zero, que pode ou não ser recuperada pelo interlocutor, isto é, a forma anafórica. Para ilustrar o contraste entre a expressão e a elisão do OD,

podemos observar um gráfico que assinala o aumento do uso do OD zero em comparação ao OD explícito durante os anos recortados para a coleta:



**Figura 1:** Expressão e elisão do OD nos dados empíricos por ano.

Fonte: elaboração própria.

Em relação aos tipos de objeto direto Furtado da Cunha (2015, p. 2) propõe uma escala de objetividade que apresenta suas diferentes manifestações: Objeto Direto explícito > Zero anafórico > Zero inferido > Objeto Direto oracional > Complexo Verbo + Objeto. A autora dispõe os casos do argumento OD de acordo com o seu nível de prototipicidade, isto é, do mais esperado e convencional, ao menos recorrente e produtivo. Para ela, o OD prototípico é mais frequente e acomoda a expressão por um SN em posição pós-verbal, o qual é semanticamente paciente (afetado/efetuado) e foco do enunciado. Na sequência o Zero anafórico contempla uma entidade dada/recuperável do contexto imediato. Em posição intermediária da escala está o Zero inferido, que não é não é expresso nem textual, nem contextualmente em momento anterior, de modo que sua interpretação é indefinida e abstrata. O OD oracional refere-se a uma oração que desempenha o papel de objeto direto; e na periferia da escala está o Complexo Verbo + Objeto, definido por Furtado da Cunha (2006) como unidades em que não há claramente uma separação semântica entre o evento/ação e seu complemento de forma com que a expressão seja interpretada como um todo por meio do processo de *chunking*. Para elucidar, vejamos algumas ocorrências no *corpus*:

(7) Perdi meu telefone no ônibus hoje, minha sorte foi q o motorista achou e me **entregou** Ø. 🙏🙏🙏 (Rede, 2017).

(8) O que eu queria msm é ter sorte do jogo, pq no amor eu já **entreguei** Ø pra deus (Rede X, 2017).

(9) Obrigado por nos **entregar** tudo que esperamos de uma diva pop. Um clipe totalmente pop com referencias de filmes que nós amamos (Rede X, 2018).

(10) Sem regulação as causas serão judicializadas, pra eles não se ferrarem muito vão ter demonstrar boa vontade e **entregar cabeças!** (Rede X, 2023).

Em (7) e (8), podemos observar, respectivamente, os casos de zero anafórico ( $\emptyset = o$  telefone) e zero inferido ( $\emptyset = n$ ). Apesar de ambos serem objetos nulos, a principal diferença entre eles é que o primeiro aponta para um referente único, recuperável do contexto discursivo, nesse caso *o telefone*, que se trata de um referente de *status* informacional dado/velho; enquanto que, no segundo, não há nenhum referente que possa ser razoavelmente evocado do contexto imediato, o que ocorre é uma indefinição pragmaticamente causada, permitindo uma interpretação livre por parte do interlocutor que pode alçar um número (n) de possibilidades de preenchimento. Em (8) o argumento OD é preenchido por uma de oração relativa; já em (9), o verbo e o seu complemento, tomado juntos, formam uma unidade, ou seja, uma expressão cristalizada (idiomatismo) com o sentido de delatar algo ou alguém.

Ao que parece, o zero inferido está atrelado a um “ajuste de valência” (FURTADO DA CUNHA, 2015, P. 8), devido à baixa/falta de proeminência discursiva em casos com verbos que semanticamente recrutam dois argumentos. Desse modo, para o cumprimento dos propósitos comunicativos, o enunciador não necessariamente precisa determinar a relação gramatical prevista para o segundo argumento, uma vez que a saliência recai sobre a ação veiculada na oração e não sobre o argumento em si.

Aplicando a escala de objetividade (FURTADO DA CUNHA, 2006; 2015) quanto às orações com o verbo *entregar*, apresentamos, a seguir, uma tabela com a distribuição de frequência, considerando a delimitação cronológica observada neste estudo:

Tipo de objeto direto	Distribuição por ano							
	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	Total

OD Explícito	38 (64%)	46 (77%)	39 (65%)	35 (58,3%)	29 (48,3%)	34 (56,6%)	22 (36,3%)	243 (58,3%)
OD Zero Anafórico	12 (20%)	11 (18 %)	14 (24%)	9 (15%)	9 (15%)	7 (11,6%)	4 (6,6%)	66 (15,7%)
OD Zero Inferido	8 (13 %)	3 (5%)	5 (8 %)	15 (25%)	20 (33,3%)	15 (25%)	29 (48,3%)	95 (22, 6)
OD Oracional	0 (0%)	0 (0%)	2 (3 %)	1 (1,6%)	2 (3,3%)	2 (3,3%)	2 (3,3%)	9 (2,2%)
Complexo V + OD	2 (3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (3,3%)	3 (5%)	7 (1,6%)
Total	60 (100% )	60 (100%)	60 (100%)	60 (100%)	60 (100%)	60 (100%)	60 (100%)	420 (100%)

**Tabela 2:** Frequência dos tipos de OD no *corpus* com base em Furtado da Cunha (2006).

Fonte: elaboração própria.

A tabela exhibe a manifestação dos diferentes tipos de OD nos achados da pesquisa. O OD explícito, por ser exemplar prototípico, possui frequência maior em relação aos demais tipos no conjunto de dados, conforme era esperado (58,3%). Todavia, contrariando nossa expectativa, o levantamento das orações ao longo dos recentes anos demonstra o aumento gradativo da frequência de emprego do OD zero inferido nas ocorrências coletadas. Essa configuração de OD costuma ser menos frequente do que o OD zero anafórico, que abriga mais traços do exemplar prototípico. Em 2023, o OD zero inferido tem frequência maior (48,3%), nos dados sob consulta, do que o OD explícito (36,3%).

Nossa hipótese é a de que alguns fatores motivam esse fenômeno: (i) aumento de frequência de uso de orações com o verbo *entregar* em diferentes contextos; (ii) a alta frequência contribui para ampliação de sentido do verbo (polissemia) que parece veicular um valor semântico que envolve a ideia de efetuação de uma *performance* positiva ou de qualidade; (iii) o valor semântico de efetuação é enfatizado e, por ajuste de valência, o segundo argumento é dispensável e aberto a diversas interpretações; e (iv) a semântica da CEA em que o verbo *entregar* ocorre contribui para a interpretação de como a cena é codificada. Consideremos a seguinte ocorrência:

(11) Como pode o TBZ **entregar** tanto nos MVs? Eles servem demais (Rede X, 2023).

Em (11), há uma oração com o verbo *entregar*, na qual o locutor sugere que o grupo musical *The Boyz* (TBZ), na posição de sujeito, “entrega” nos vídeos musicais (MV). Esse sentido de *entregar* é bastante desbotado em relação ao sentido prototípico de

transferência e, no caso em tela, veicula a ideia de que o grupo (TBZ) faz/efetua algo de positivo na produção de vídeos, daí o que se entrega parecer ser um certo resultado que recai sobre a ação em si. Compreendemos, como será explorado a seguir, que as ocorrências desse tipo estão relacionadas a extensões de sentido do verbo, a partir de projeções metafóricas e metonímicas (BYBEE, 2016) que atuam na integração entre o verbo e as construções de estrutura argumental.

## 2.2 Projeções metafóricas e metonímicas: extensibilidade de sentido

Em relação aos aspectos semânticos de *entregar*, o seu sentido mais referencial e concreto codifica uma transferência, com argumentos ligados direta e indiretamente que desempenham, respectivamente, os papéis semânticos de agente, paciente e recipiente, conformando-se, portanto, ao esquema de uma CEA ditransitiva S V OD OI. Notemos alguns dados empíricos:

(12) Caio Alexandre fez um futebol beneficente e **entregou** cestas básicas pra famílias carentes, o mlk é f@#\$. (Rede X, 2019).

(13) #Somos70porcento e não **vamos entregar** o Brasil para os criminosos que querem destruí-lo (Rede X, 2019).

Em ambas as orações o verbo *entregar* é licenciado em um padrão ditransitivo (S V OD OI). No caso de (12), há um sujeito elíptico, recuperável do contexto (Caio Alexandre), o qual executa a transferência concreta/de posse de cestas básicas (OD paciente) para um OI humano recipiente (pra famílias carentes). Em (13), por seu turno, embora conformada ao esquema ditransitivo, com S ( $\emptyset$  = nós), OD (o Brasil) e OI (para os criminosos), a oração não denota um evento de transferência concreta, podendo ser interpretada metaforicamente, na medida em que sugere a transferência metafórica de um domínio governamental do país, a qual não se realiza, para um determinado grupo político.

Lakoff e Johnson (1980) explicam que significados concretos são mais básicos e, portanto, servem de base para codificar eventos e ideias mais abstratas. Isso pode ser observado nas orações, enquanto (12) é tem sentido mais concreto, (13) denota sentido mais abstrato. Além do mais, as CEA estão conectadas a uma família de sentidos distintos, mas relacionados (GOLDBERG, 1995), e no caso da construção ditransitiva, a literatura

linguística já possui evidência de instanciações que se afastam do sentido mais central dessa construção e, ainda, conformam-se ao esquema ditransitivo (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2024; FURTADO DA CUNHA, 2015).

A respeito das orações com o verbo *entregar*, o significado mais concreto de transferência de objeto direto paciente a um objeto indireto recipiente serve como base para a criação de extensões de sentido, seja por meio da projeção metafórica ou metonímica. Para examinar a relação entre domínios, como ocorre na passagem de concreto → abstrato, verificamos o seguinte resultado no *corpus*:

Ano	Tokens	Transferência + concreta		Transferência + abstrata (metafórica)		Transferência + abstrata (metonímica)	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
2017	60	31	51,6%	26	43,3%	3	5%
2018	60	34	56,6%	23	38,3%	3	5%
2019	60	31	51,6%	22	36,6%	7	11,6%
2020	60	21	35%	31	51,6%	8	13,3%
2021	60	5	8,3%	44	73,3%	11	18,3%
2022	60	12	20%	34	56,6%	14	23,3%
2023	60	4	6,6%	45	75%	11	18,3%
<b>Total:</b>	420	138	32,8%	225	53,7%	57	13,5%

**Tabela 3:** Comparativo entre sentidos mais concretos e mais abstratos no *corpus*.

Fonte: elaboração própria.

O retrato quantitativo dos dados quanto ao exame das orações que se associam ou se afastam do sentido central de transferência fornece alguns pontos de destaque. Das 420 orações examinadas, 138 (32,8%) conformam-se à noção referencial/concreta de X fazer Y receber Z, isto é, de uma entidade (agente) transferir um objeto (paciente) a outra entidade (recipiente).

Em relação aos sentidos mais abstratos de transferência, optamos por organizar os dados de acordo com o sentido + metafórico ou + metonímico. Nos termos de Lakoff e Johnson (1980), a metáfora consiste em uma operação cognitiva que envolve mapeamento entre diferentes domínios conceituais, na qual determinadas noções de um domínio são

projetadas em outro, como no caso de conceitos concretos servirem de base para abstrações. Na metonímia, ocorre um mapeamento dentro de um mesmo domínio conceitual via contiguidade, assim um conceito pode designar outro que a ele se relaciona.

Nessa linha, nos dados empíricos examinados, as orações com o verbo *entregar* denotam sentidos de transferência mais abstratas em detrimento de mais concretas. Somadas, orações + metafóricas/+ metonímicas correspondem a 282(67,2%) ocorrências. Furtado da Cunha (2020, p. 794) argumenta que “a transferência concreta é tomada como sentido básico porque as outras classes de significados podem ser mais economicamente representadas como extensões desse sentido”.

Podemos verificar ocorrências com sentido de transferência metafórica (53,7%) organizadas a partir da tabela a seguir, na qual consta o valor semântico mais próximo na interpretação das orações, sua frequência em número absoluto, percentual e, ainda, uma amostra representativa:

Valor semântico	Nº Tokens	%	Amostra de ocorrência
<i>Desistência</i>	48	11,4%	Flamengo tinha que <b>entregar</b> logo, só vai passar vergonha se for para jogo (Rede X, 2018)
<i>Confiança</i>	42	10%	Acabei de me entupir de antialérgico como se não houvesse amanhã e <b>entreguei</b> pra deus (Rede X, 2017)
<i>Dedicação</i>	42	10%	Faltou um título, faltaram peças para o Odair, mas ninguém deixou de se <b>entregar</b> , de lutar (Rede X, 2018)
<i>Rendição</i>	21	5 %	Eu me <b>entregava</b> as autoridades kkkkkkk (Rede X, 2018)
<i>Perda</i>	16	3,8%	E parabéns ao Nicolas que <b>entregou</b> o ponto, bola morta era chutar pra frente e acabava (Rede X, 2021)
<i>Delação</i>	14	3,4%	A abertura dessa novela que <b>entregava</b> todo do plot twist desde o início sem a gente perceber. AMO (Rede X, 2020)
<i>Doação</i>	12	2,8%	Não acredito que com tanto homem no Brasil eu <b>entreguei</b> meu coração pra um irlandês (Rede X, 2019)

**Tabela 4:** Sentidos +metafóricos mapeados nas ocorrências.

Fonte: elaboração própria.

Os dados dispostos na Tabela sinalizam a manifestação de orações com o verbo *entregar* em sentido + metafórico. O sentido central/prototípico de transferência serve de

base para as extensões de sentido, que veiculam valores semânticos distantes do sentido central, por exemplo desistência (entregar o jogo ao adversário), confiança (entregar a um ser superior), dedicação (entregar um esforço) e outros.

De certo modo, a transferência é tomada como um ato de confiança do agente para com o recipiente (como em *entreguei pra deus*), de modo que, na transmissão, o agente perde a posse e o poder sob o objeto transferido. Além disso, a noção de transferência envolve gasto de energia e esforço, assim a noção de dedicação, que também envolve esforço, é conceptualizada/mapeada como uma entrega (por exemplo em *ninguém deixou de se entregar*). Na mesma linha, o sentido de rendição envolve estar à mercê de algo, isto é, disponível para dar e receber, entregar e ser entregue (como em *eu me entregava às autoridades*). Já o valor semântico de delação pode ser tomado do mesmo modo como nos verbos *dicendi*, uma vez que a transferência se dá sobre a informação dita/expressa (como em *a abertura dessa novela que entregava todo do plot twist*), de forma que aquilo que é delatado (tudo do plot twist) é transmitido para o recipiente (a gente/o público).

Foram registradas, ainda, ocorrências em menor número de orações com o verbo *entregar* com os sentidos de *causar* (0,4%) e de *proporcionar* (1,1%), como se pode ver em (14) e (15), respectivamente. Para esses casos, recorreremos à concepção de eventos causais como transferências, tal qual sugere Goldberg (1995), o que implica compreender que causar algo a uma entidade é conceptualizado como transferir o efeito da causação (FURTADO DA CUNHA, 2017). Vejamos:

(14) O governo Dilma fez uma lei atrelando o aumento do salário mínimo baseado no crescimento do PIB, ela **entregou** 2 anos de recessão (Rede X, 2020)

(15) Nosso compromisso sempre foi **entregar** o melhor para o Jeff e os seus Saturdayss, sempre pensando com muito carinho e cautela (Rede X, 2023).

O caso em (14) demonstra que o OD (*2 anos de recessão*) é interpretado como um efeito da ação causada a partir da decisão governamental, o que faz o OD ser percebido como um objeto transferido. Por outro lado, em (15), proporcionar uma situação de conforto e acolhimento para o recipiente é tomada também como uma transferência do OD (o melhor).

No que tange à projeção metonímica, Lakoff e Johnson (1980) esclarecem que diz respeito à ação de focalizar uma parte mais significativa de um processo, ação ou objeto,

de maneira que a partir dele o falante possa conceptualizar o todo. Em outras palavras, o falante pode estabelecer a conexão entre domínios contíguos, na medida em que estão próximos. No *corpus* examinado, também foram flagradas orações com o verbo *entregar* que denotam + metonímia, conforme a seguir:

Valor semântico	Nº Tokens	%	Amostra de ocorrência
Efetuação/facção	45	10,8%	É da atualidade, infelizmente a Aghata não entrega mais memes. Ela <b>entregava</b> em 2020 né!?! (Rede X, 2023)
realização	4	0,95%	Ele nitidamente não estava bem e mesmo assim se esforçou ao MÁXIMO para <b>entregar</b> um show perfeito para nós (fãs) e conseguiu. (Rede X, 2022)
devolução	8	1,9%	Bolsonaro foi terminar o mandato nos EUA. Será que ele já <b>entregou</b> o cartão corporativo, ou vai gastar até o último segundo? (Rede X, 2022)

**Tabela 5:** Sentidos +metonímicos mapeados nas ocorrências.

Fonte: elaboração própria.

Nas ocorrências dispostas na Tabela 5, as orações com o verbo *entregar* apresentam sentidos metonímicos, que implicam valor semântico de efetuação, de realização e de devolução. De acordo com o que propõe Silva (2003), a ação expressa pelo verbo aponta para uma parte saliente do evento indicado. No primeiro caso (efetuação), o sentido de fazer/efetuar envolve uma transferência pretendida (de memes) ou que se realiza como último estágio, isto é, o fazer da produção. Já no sentido de realização, o show é encarado como um evento de transferência, uma vez que ao cantar para a plateia, o público é atingido pela voz do cantor, de modo que metonimicamente o verbo *entregar* conceptualiza uma parte da ação. Já o sentido de devolução é tomado também como uma ação de transferência, ou seja, devolver é um caso específico de transferência, uma “reentrega”, de maneira que por ser mais prototípico e central o enunciador emprega o verbo *entregar*.

Apesar do número de amostras em que o sentido da oração com o verbo *entregar* está relacionado metonimicamente a efetuação/facção, também encontramos no *corpus* orações em que o sentido de efetuação está vinculado a uma extensão metafórica. Isso ocorreu em 30 amostras (7,3% das ocorrências). Não há nesses exemplos uma ideia de contiguidade entre o evento de transferência e a cena recuperada no texto, mas uma associação entre diferentes domínios.

No caso a seguir, o verbo *entregar* atua para marcar um feito positivo, mas não há uma relação de confinidade entre as ações evocadas no texto. De certo modo, *entregou* encapsula o que se deseja proferir de atributos relacionados à atuação da cantora Marina Sena:

(16) putz, amei ela atuando em apenas 5 segundos? **entregou** kkkkkk (Rede X, 2023).

Perante o exposto, um aspecto que chama atenção é a quantidade de sentidos veiculados nas orações com o verbo *entregar*, tanto em projeções metafóricas quanto em metonímicas, muitos das quais não são descritos na literatura gramatical e linguística. Apesar da valência triargumental do verbo *entregar* ser prevista, o que se conforma com o padrão da construção ditransitiva, no levantamento dos dados é possível notar que o verbo é recrutado em diferentes estruturas argumentais, como ocorre com usos transitivos, que envolve sentidos de *causar* e *fazer*. Além do mais, o fato de um mesmo padrão sintático se ligar a sentidos relativamente diferentes, evidencia polissemia. Para Furtado da Cunha (2017, p. 121), “a frequência de uso é responsável pela fixação na língua de novas instanciações de uma construção, facilitando a produção e o processamento desses pareamentos de forma-função”.

Lakoff (1987) esclarece que as generalizações que regem a polissemia só podem ser descritas e explicadas em termos de organização conceptual. Na mesma linha, Goldberg (2006) elucida que instanciações com alta frequência fornecem ancoragem cognitiva, ou protótipo, que ajuda os usuários da língua a assimilar novos casos para a categoria. Assim, a alta frequência de instanciações com o verbo *entregar*, as quais naturalmente são mais concretas e correspondem à cena ditransitiva mais prototípica, fornece ao usuário da língua estender o padrão para outros sentidos distintos, mas relacionados, e menos frequentes. Isso significa que os sentidos são arrolados no *continuum*, de modo que entre um e outro, novos sentidos podem emergir.

### 3 Considerações finais

Ao longo do processo analítico desta pesquisa, buscamos investigar as manifestações do complemento verbal objeto direto em orações com o verbo *entregar* advindas de contextos comunicativos reais, segundo o aporte teórico fornecido pela

Linguística Funcional Centrada no Uso. Assim, de modo não exaustivo, apresentamos os achados da pesquisa e os discutimos quantitativamente à luz do referencial teórico. Seguindo a proposta escalar de objetividade de Furtado da Cunha (2015), verificamos os tipos de objeto direto flagrados no *corpus* e, na esteira disso, os sentidos associados às orações com o verbo *entregar*, que é licenciado por diferentes construções de estrutura argumental.

Interessou-nos averiguar, sobretudo, o apagamento e a possível irrecuperabilidade do referente do OD em orações do tipo: *ela vai entregar demais nesse clipe* (Rede X, 2022). A respeito disso, levantamos a hipótese de que a elisão do complemento está ligada ao aumento das ocorrências do objeto zero inferido em função da polissemia das instanciações em que se o OD se manifesta, isto é, extensões de sentido metafóricas e metonímicas motivadas pelo contexto discursivo. Apontamos, com base no referencial teórico assumido, que a frequência de uso motiva, por meio dessas extensões, a assimilação de novos usos para a categoria, o que pode muitas vezes extrapolar o que é previsto como central/prototípico. Isso porque, na perspectiva da LFCU, as estruturas linguísticas são compreendidas como motivadas pelas situações de uso.

O exame dos dados evidencia que os modos que o objeto direto se manifesta discursivamente são motivados por questões de sentido relacionadas às necessidades discursivas e expressivas dos falantes, fatores que se moldam a partir das circunstâncias sociointerativas, as quais englobam e afetam a rede construcional de uma dada língua. Isso posto, o fenômeno estudado explicita a noção de que a língua é um sistema adaptativo complexo em que a forma é correlacionada à função.

## Referências

- AIRES, Ione. Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo. **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 40–56, 2012.
- AZEVEDO, Ana Claudia Oliveira; PEREIRA, Marcia Helena de Melo; AYRES, Dayana Junqueira. O tweet como um gênero discursivo digital materializado no suporte Twitter. **Revista Philologus**, v. 27, n. 79, p. 1-9, 2021.
- BISPO, Edvaldo Balduino; LOPES, Monclar Guimarães. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. **Revista Odisseia**, v. 7, n. Especial, p. i-x, 2022.

- BORBA, Francisco Silva. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.
- BORBA, Francisco. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.
- BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Cortez Editora, 2016.
- CASENHISER, Devin M.; BENCINI, Giulia. Argument structure constructions. In: DABROWSKA, Ewa; DIVJAK, Dagmar. **Handbook of Cognitive Linguistics**. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2015, p. 579-593.
- CHAFE, William. Cognitive constraints on information. In: TOMLIN, Russel. (Ed.). **Coherence and grounding in discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987, p. 21-51.
- CHAFE, William. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- CROFT, William. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, Antônio Geraldo da; MELLO SOBRINHO, Claudio. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. rev. e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 33, n.1, p.109-132, 2017.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. O objeto zero de verbos transitivos. **Revista Linguística**. v. 4 n. 1, p. 1-21, 2015.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. O estatuto argumental do objeto indireto e a construção ditransitiva no português do Brasil. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). **A gramática da oração**. Diferentes olhares. Natal: EDUFRN, 2015. p. 135-165.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. **Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 115-131, 2006.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. A semântica da construção ditransitiva em perspectiva diacrônica. **Gragoatá**, v.25, n. 52, p. 785-808, 2020.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. **Construções de estrutura argumental: teoria e prática**. In: CEZARIO, Maria Maura da Conceição;

MARQUES, Priscilla Mouta; CASTANHEIRA, Dennis. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024, p. 20-47.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Maud/FARPEJ, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito. Transitividade: do verbo à construção. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v.14, n.1. p. 48-64, 2018.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.

GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at work: the Nature of Generalization in Language**. New York: Oxford University Press, 2006.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LACERDA, Patricia Fabiane Amaral Cunha. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, v. esp., p. 83-10, 2016.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor**. Chicago/ London: UCP, 1989.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

OLIVEIRA, Mariangela Rios; ROSÁRIO, Ivo Costa. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, v. 60, n. 2, p. 233-260, 2016.

PAIVA, Vera Lúcia Medeiros de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PEREK, Florent. The usage basis of constructional meaning. In: \_\_\_\_\_. **Argument structure in usage-based construction grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2015, p. 79-103.

PERINI, Mário. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola, 2008.

SILVA, Augusto Soares da. Da semântica da construção à semântica do verbo. In: CASTRO, Ivô; DUARTE, Inês. **Razão e Emoções**: Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003, p. 383-401.

TAYLOR, John. **Linguistic categorization**: Prototypes in Linguistic Theory. 3 ed. Oxford: Clarendon, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

---

<sup>i</sup> A *estrutura argumental* pode ser resumida como a relação entre um verbo, ou predicador, e seus argumentos. Na literatura linguística, pode ser referida como *valência* (Borba, 1996), *diátese* (Perini, 2008) e ancorada em quadros teóricos distintos. Nas abordagens formalistas, é concebida como uma estrutura argumental fixa para um dado verbo ou predicado (Casenhiser; Bencini, 2015).

<sup>ii</sup> Para mais detalhes, cf. subseção 1, que trata do alicerce teórico.

<sup>iii</sup> As ocorrências advêm da rede social X, conhecida até pouco tempo como *Twitter*.

<sup>iv</sup> Ainda que a elisão do objeto indireto também ocorra em muitas orações, nosso foco aqui recai mais fortemente na elisão do objeto direto. Assim, sinalizamos considerações sobre o apagamento do OI, porém sem avaliar fatores quantitativos, tema previsto para outra discussão.

<sup>v</sup> Para Azevedo et al. (2021), o *tweet* (ou tuíte) pode ser considerado um gênero discursivo específico, materializado no suporte virtual X. Compreende textos de até 280 caracteres, os quais podem reunir recursos visuais/multissemióticos, como *emojis*, *hashtags*, imagens, vídeos, *gifs*, *links*, entre outros, pelos quais os usuários estabelecem as interações.

<sup>vi</sup> O rótulo dessa abordagem teórica foi cunhado por pesquisadores brasileiros. Para mais detalhes, conferir Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Bispo e Lopes (2022) e Oliveira e Rosário (2016).

<sup>vii</sup> A informatividade refere-se ao conteúdo informacional que os interlocutores compartilham, ou supõem compartilhar, no momento da interação verbal. Chafe (1987) trata da informatividade com base no fluxo da informação, o qual, segundo o autor, relaciona-se, sobretudo, ao modo como o falante organiza o conteúdo no discurso, levando em conta o grau de acessibilidade do interlocutor à informação veiculada.

<sup>viii</sup> Furtado da Cunha (2020) explica que além da configuração S V OD OI, a construção ditransitiva em português também apresenta outras possibilidades de codificação: S OI V OD e S V OI OD. Para a autora, nesses casos, os padrões expressam conteúdo proposicional equivalente, embora, em termos pragmáticos, haja algumas distinções.

<sup>ix</sup> Legenda: S (sujeito); OD (objeto direto); OI (objeto indireto); SAdv (sintagma adverbial); Intens. (intensificador).

*O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.*